

UMA BREVE TRAJETÓRIA DE CONRAD DETREZ (1937-1985): Uma figura esquecida na história e cultura brasileiras

A BRIEF TRAJECTORY OF CONRAD DETREZ (1937-1985): A forgotten figure in Brazilian history and culture

Lucas Barroso¹

Resumo: Conrad Detrez (1937-1985), belga naturalizado francês, teve um papel significativo na história e cultura brasileiras, apesar de ser pouco conhecido. Participou da resistência contra a ditadura e, após ser torturado e expulso do país, em 1967, refugiou-se em Paris, onde se tornou escritor e tradutor de obras brasileiras, como as de Jorge Amado e Antonio Callado. Este estudo busca narrar sua trajetória multifacetada e sub-representada, destacando sua importância para a história e cultura brasileiras. Esta pesquisa utiliza análise qualitativa e micro-histórica de fontes públicas e privadas sobre sua vida e obra, incluindo sua produção literária e atividades intelectuais. Com esse fim, espera-se evidenciar os seus legados, destacando sua importância para a história e cultura ocidentais, especialmente para o contexto brasileiro.

Palavras-chave: Trajetória, resistência, conflito, militância, literatura.

Abstract: Conrad Detrez (1937-1985), a Belgian naturalized Frenchman, played a significant role in Brazilian history and culture, despite being little known. He participated in the resistance against the dictatorship and, after being tortured and expelled from the country in 1967, took refuge in Paris, where he became a writer and translator of Brazilian works, such as those by Jorge Amado and Antonio Callado. This study aims to narrate his multifaceted and underrepresented trajectory, highlighting his importance to Brazilian history and culture. This research utilizes qualitative and micro-historical analysis of public and private sources about his life and work, including his literary production and intellectual activities. The aim is to highlight his legacy, emphasizing his importance to Western history and culture, particularly in the Brazilian context.

Keywords: Trajectory, resistance, conflict, militancy, literature.

Introdução

Entre o fim da década de 1970 e o início dos anos de 1980, os processos de redemocratização nos países latino-americanos evidenciaram o choque social entre culturas políticas autoritárias e democráticas. Reforçado desde a implementação de formas de controle social na década de 1930, o histórico autoritarismo na América Latina, aliado às específicas dificuldades econômicas, políticas e sociais de cada país,

¹Historiador. Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o mundo do trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Licenciado em História pela Universidade Candido Mendes (UCaM) e bacharel em História pela UFRJ. E-mail: lucas.barroso@ufrj.br de esperança democrática em diversos países.

impôs barreiras à plena volta da democracia no continente (Capelato, 2010).

No final do século XX, entretanto, a reconquista parcial dos direitos civis pôde ser, aos poucos, vislumbrada na região. Essa recuperação gradual deu-se justamente a partir da destruição parcial de um legado autoritário visto no continente desde, pelo menos, o século anterior. Um processo lento que, anos mais tarde, desembocou em marés

Entretanto, mesmo com o esforço das sociedades civis, o legado autoritário segue vivo na América Latina, seja em pequena ou grande escala. Uma continuidade histórica marcada pela manipulação popular a partir da introdução de uma cultura política e de novas formas de controle social, sendo ambas ainda baseadas no papel interventor do Estado nas relações sociais.

Nesse contexto, memórias afugentadas, segundo Scott (1992), podem ocasionar em seu próprio silenciamento, seja por vergonha ou por debilidade, na arena pública. Por meio do apagamento autoritário de certas memórias dissidentes, trajetórias de vida também podem ser, conseqüentemente, escamoteadas na dinâmica particular de circulação memorial em certa sociedade.

Um dos apagamentos recentes no Brasil pode ser visto em torno do legado de Conrad Detrez (1937-1985). Nascido em Roclenge-sur-Geer, em Liège (Bélgica), em 1º de abril de 1937, cresceu em um ambiente rural e católico, o que o levou a estudar teologia. Em 1962, sua busca por novas experiências o levou ao Brasil, pouco antes da instauração da ditadura. Em seu novo país, mergulhou em uma sociedade marcada por intensas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais, o que o levou a viver experiências únicas nos trópicos.

A breve, mas intensa, passagem pelo território brasileiro moldou a vida adulta, as aspirações e os desejos íntimos de Detrez. Ao desembarcar no país, foi “devorado pelo Brasil” (*apud* Quaghebeur, 2014) – como resumiu em uma entrevista concedida à *Le Magazine littéraire* em setembro de 1982 –, deglutido pela cultura dos trópicos e expelido como nova criatura para ser batizado pelo Carnaval. Viveu o urbano, o suburbano, o fronteiro e o continental. Pôde, enfim, conhecer a si mesmo.

Sua chegada ao Brasil em 1962 foi movida pelos compromissos missionários do catolicismo, em um contexto de imigração de eclesiais belgas para o país. Sua estadia, porém, foi transformada pelo seu futuro compromisso com a esquerda radical e a experiência de compartilhar parte de sua vida com um homem, o que o tornou mais receptivo à cultura afro-brasileira. Sua permanência no novo país o afastou de uma visão conformista e limitada do mundo provincial e pequeno-burguês da Europa, que

buscava evitar ao deixar a Bélgica.

Nos trópicos latino-americanos, o belga entrou em contato com múltiplas realidades, vivendo uma “mestiçagem cultural” (*apud* Moacyr, 1980), como assim foi chamada por ele mesmo em uma entrevista concedida, em 1980, ao editor Moacyr Félix no número 25 dos *Encontros com a Civilização Brasileira*. Nesse novo cenário, conheceu as festas pagãs, os cultos afro-brasileiros, as irmandades clandestinas e o amor proibido, sendo “negricado na América do Sul”, segundo um de seus comentários publicados em *La Relève*, no dia 25 de janeiro de 1980.

A cultura nacional fascinou Detrez, assim como o fabuloso continente literário sul-americano. A paixão à primeira vista foi a literatura regionalista e o modernismo brasileiro, que se conectavam pela dimensão de sensibilidade barroca. Por meio deles, conheceu a linguagem poética de Guimarães Rosa – que comparava ao espanhol Miguel de Cervantes e ao belga Charles de Coster (Detrez, 1977) –, o realismo socialista de Jorge Amado e a inovação de outros escritores brasileiros.

Capturado em 1967, foi preso, torturado e expulso do Brasil, encontrando exílio em Paris, onde se estabeleceu como escritor e divulgador literário, traduzindo obras de autores, como Jorge Amado e Antonio Callado, e promovendo a popularização de escritores brasileiros no continente europeu, como Carlos Marighella, Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus. Ademais, o belga também pode ser classificado como um dos escritores pioneiros da repressão que estava em vigor no Brasil na década de 1960.

Além do Brasil, o escritor também presenciou e analisou importantes acontecimentos históricos em diversos países, como Bélgica, França, Argélia, Portugal, Itália e Nicarágua. Neles, vivenciou a eclosão e as consequências da Segunda Guerra Mundial (1939-1945); da Questão Real belga (1944-1950); do golpe civil-militar brasileiro (1964); do Maio francês de 1968; do exílio entre 1967 e 1980; da Revolução dos Cravos (1974); do Tribunal Russell II (1974); e da Revolução Sandinista (1979).

Apesar das notáveis contribuições de Detrez para a história, política e cultura ocidentais, sua trajetória é frequentemente ignorada e sujeita a limitações movidas por estereótipos e preconceitos. Mesmo com seu legado, existem, porém, pouquíssimos trabalhos publicados acerca da trajetória de sua vida, com destaque para os poucos encontrados em acervos e repositórios europeus. Em breves menções, há poucas análises sobre o papel que desempenhou na circulação de ideias, práticas e lutas militantes durante as décadas de 1960 e 1970. Os investigadores que escreveram sobre

o escritor interessaram-se mais pela sua obra literária do que por suas inserções sociais, políticas e revolucionárias nos países em que viveu (Ribeiro, 2019).

Na Bélgica, Marc Quaghebeur (2014) é uma grande referência, mas suas análises psicanalíticas negligenciam aspectos políticos e sexuais de Detrez. Já em Portugal, José Domingues de Almeida (2011) valoriza a obra e as experiências do belga, mas subestima suas contribuições políticas e culturais no Brasil. Por fim, no Brasil, autores como João Silvério Trevisan (2018) reduzem a complexidade de escritor a estereótipos simplistas da dualidade entre religião e homoerotismo.

Por esses motivos, existem grandes lacunas na escrita de sua história de vida que, por sua vez, invisibilizam suas diversas contribuições para a Europa, América Latina e Brasil. “O silêncio sobre ele talvez possa ser atribuído a sua multifacetada vida” (Ribeiro, 2019, p. 236). Em consequência disso, poucos trabalhos científicos brasileiros estiveram, até este momento, preocupados em analisar a completude e o impacto de suas ações ao longo de sua vida¹.

Este trabalho busca, portanto, preencher as lacunas de sua trajetória, construindo uma narrativa de sua trajetória de vida para analisá-la em sua completude. Em um contexto marcado por polaridades, a narrativa sobre Detrez pode surgir como uma fonte de resistência, contrapondo-se às tentativas de obscurecimento de sua influência na história e cultura brasileiras, conforme pontuado por Ribeiro (2019).

Percurso metodológico

As memórias subterrâneas, aquelas que são silenciadas e marginalizadas pela história oficial construída por agentes estatais, são cristalizadas nos pequenos detalhes de seus indivíduos dominados. A compreensão e análise dessas memórias e seus receptáculos emergem, portanto, como fundamentais para desvelar as lacunas e distorções presentes na chamada “narrativa oficial”. Nesse contexto, a trajetória de vida é reivindicada na historiografia como um caminho possível para esse processo analítico.

Assim como o próprio rumo da história, a trajetória de uma vida não é guiada por um deslocamento lógico, linear, coerente, unidirecional, orientado e teleológico. Existem encruzilhadas, emboscadas, imprevisibilidades e acontecimentos que marcam, de modo singular e diversificado, a passagem de cada existência individual. Narrá-la é, portanto, percorrer por fragmentos de acontecimentos dessa existência individual, cuja vida está inserida em contextos amplos de condicionantes temporais, sociais,

econômicos e culturais (Bourdieu, 1996).

Nessa concepção, a trajetória de um certo indivíduo adquire um significado crucial ao se tornar um elemento constituinte – não apenas contido dentro, mas formador – da sociedade. Nesse contexto, a memória desse indivíduo ganha uma grande relevância historiográfica. Com isso, suas experiências pessoais, desejos, sofrimentos, decepções, privações e traumas são os pontos de referência que delineiam a singularidade de sua identidade como indivíduo social (Ferreira, 1997).

Em meio à recente virada biográfica na historiografia, a investigação da vida dos indivíduos está atrelada aos desenhos de seus amplos panoramas sociais, políticos e culturais que estão inseridos. Desta forma, os vastos cenários (econômicos, culturais, institucionais, legais) nos quais as pessoas se inserem estão relacionados a tomadas de decisão pragmáticas que podem impactar toda uma sociedade de modo micro ou macro. Essa lógica permite, portanto, reconstituir a complexidade, a multiplicidade e a diversidade das experiências sociais e individuais ao longo da história.

Nesse cenário, a micro-história é um caminho metodológico a ser trilhado. Ela é estruturada na concepção de que uma escala particular de observação produz efeitos e estratégias de conhecimento, bem como alterações significativas em sua forma e trama. Mudando a escala das observações, é possível transformar o próprio conteúdo daquilo que é representado e, por conseguinte, analisado (Revel, 1998).

A proposta da micro-história é enriquecer a análise social, tomando como base os comportamentos individuais, as relações entre indivíduos, as experiências sociais e a constituição de identidades. Assim, adota-se uma perspectiva a nível local, em que a defasagem entre categorias exógenas e endógenas é mais definida. A partir da análise dos comportamentos de indivíduos, visa-se à reconstrução das modalidades de agregação e de associação social.

De acordo com essa lógica, a escolha do individual não é considerada como totalmente oposta à social; ela, ao contrário, visa possibilitar uma abordagem distinta do contexto social, ao seguir o caminho de um destino específico – seja de um indivíduo ou de um grupo de pessoas – e, junto com ele, a diversidade de espaços e tempos, desvendando a complexidade das relações nas quais se inserem (Revel, 1998).

Os caminhos abertos por essa perspectiva desembocaram, assim, em uma “nova” história política, social e cultural, cujos limites são voláteis e fluidos. Uma história mais próxima de seus próprios atores e sujeitos, cujos processos sociais passaram a possuir uma dimensão mais humanizada. Uma história capaz de “[...] dar cor e sangue aos acontecimentos, que não ‘acontecem’ naturalmente, mas são produzidos por

homens reais, quer das elites, quer do povo” (Gomes, 1998, p. 124).

A partir desses contributos, este trabalho se propõe a escrever uma micro-história de Conrad Detrez, perpassando os principais acontecimentos que presenciou. Para esse fim, o caminho metodológico utilizado neste trabalho monográfico é de base qualitativa (Aires, 2011) e micro-histórica (Ginzburg, 1989; Revel, 1998), fundamentada em estudos de caso (Yin, 2005).

A partir dessa perspectiva, os principais objetivos, hipóteses e conclusões presentes foram tecidos a partir de fontes públicas encontradas em torno de Detrez em acervos brasileiros, franceses, belgas e estadunidenses. Além disso, também foram analisados relatos pessoais do belga, ou que o mencionavam, em reportagens jornalísticas, entrevistas, romances autobiográficos, ensaios, críticas literárias e referências secundárias contidas em trabalhos de graduação e pós-graduação publicados tanto no Brasil quanto no exterior.

Os primeiros 25 anos de Conrad Detrez na Bélgica (1937-1962)

Conrad Detrez nasceu em 1º de abril de 1937, em Rukkelingen-aan-de-Jeker, atualmente Rocleng-sur-Geer, no município de Bassenge, província de Liège, na região da Valônia, Bélgica. Filho de Jean Victor Louiz Detrez, um açougueiro, e de Marie Catherine Vandeclee, dona de casa, cresceu em um ambiente católico, rural e isolado, com sua irmã Marthe.

Sua primeira lembrança foi de uma caminhada com seu avô Gauthier em meio às flores nos trilhos de uma ferrovia abandonada em Liège. Esta imagem bucólica logo foi destruída pela chegada abrupta da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) à sua região. Com o conflito mundial, Conrad presenciou a morte trágica de seu avô, um trauma profundo que o afastou dos jardins e flores que tanto amava (Detrez, 1974; 1979).

Após o fim da guerra em 1945, Conrad foi introduzido ao catolicismo formalmente. Encantado pelas cerimônias religiosas, começou a participar ativamente da igreja. No entanto, sua experiência foi manchada por um episódio de importunação sexual por parte de um acólito, evento que o deixou traumatizado e enojado (Detrez, 1974).

Além dos traumas da guerra, Conrad também teve que lidar com as inundações do rio Jeker e a visão dos animais desmembrados pelo trabalho de seu pai. Este ambiente brutal e opressivo fez com que ele jurasse nunca seguir a profissão paterna (Detrez, 1978a).

A sensação de impotência diante da fúria da natureza, da perda de pertences, da violência irracional da humanidade, da luta pela sobrevivência e das mortes causadas pelo seu pai se entrelaçam em suas lembranças de vida. Sua infância difícil em uma zona rural afetada pela atmosfera opressiva da guerra teve um impacto duradouro sobre ele. Relapsos de parte dessas memórias foram reunidos, de modo literário, nas páginas dos livros que escreveu futuramente.

Com o tempo, o pequeno encontrou um novo consolo na jardinagem, uma paixão herdada de sua mãe. Porém, a perda de seu pai, que fugiu para trabalhar na África Central, e a recomendação do vigário local levaram Conrad a ingressar em um colégio interno em Saint Rémy.

No internato, enfrentou a difícil escolha entre estudos agrícolas e literários, optando pelo último e mergulhando nos livros. Lá, desenvolveu uma amizade próxima com Leopoldus N'Dongo², um estudante congolês, que despertou novos sentimentos e desejos, resultando em um conflito interno sobre sua sexualidade.

Esse período foi marcado por tentativas de introspecção e um eventual compromisso com os estudos e a religião. O voto de celibato que fez foi uma forma de mascarar suas incertezas sexuais, que mais tarde se refletiram em seus escritos autobiográficos, em que explorava a dualidade entre pecado e inocência (Panier, 1981; Almeida, 2011).

Em seu país natal, também presenciou a Questão Real (1944-1950), um período de intensa controvérsia sobre o retorno do rei Leopoldo III, cuja conduta durante a ocupação nazista gerou discordância entre os belgas. As tensões se manifestaram em debates acalorados, greves e protestos, refletindo os desafios enfrentados pelo país após o término da guerra e durante os anos de reconstrução e reestruturação.

Entre 1949 e 1957, o jovem Conrad estudou nos Colégios de Visé e Herstal, mergulhando com afinco nos estudos de humanidades gregas e latinas, o que marcou sua adolescência estudiosa. Em ambos, destacou-se como um dos melhores alunos nas escolas comunitárias. Nesse período, explorou o fascinante universo dos livros, se encantou com os renomados escritores franceses do currículo e até mesmo arriscou escrever alguns poemas por conta própria, ao passo que crescia sua estima pelo Evangelho.

Ao longo desse tempo, seu confessor viu um indício de vocação para o sacerdócio, dado o afinco com que se dedicava à oração e teologia. Com isso, foi indicado com grande estima para prosseguir seus estudos em um dos grandes internatos católicos da região para ter uma educação mais apurada. O vigário do vilarejo e sua mãe foram

convencidos da ideia pelos padres. Com o aval dos homens e de Deus, mudou novamente de residência em plena juventude.

Aos 20 anos, deixou, mais uma vez, a aldeia, sua mãe e a vida pacata do campo. Dois anos depois, deixou a Valônia. Sua mãe, que estava sozinha, com saudade do filho e ansiava o retorno de seu esposo, morreu tempos depois, em 1959, sendo sua morte atribuída pelos vizinhos ao desgaste emocional e à tristeza. Teria falecido em meio às suas plantas na cozinha, como descrito por testemunhas (Detrez, 1979).

Em 1957, Conradus ingressou no seminário menor do Collège de Saint-Trudon, na província natal de sua mãe, Limburgo, em Flandres. Sua estadia foi narrada em *Les Plumes du coq* (1975): os superiores desempenhavam um jogo duplo particularmente cruel, alternando entre a gentileza e a severidade com as crianças, com o objetivo de impor a disciplina mais rigorosa possível. Rapidamente, o belga se viu imerso no ritmo da vida comunitária, marcada por ordens, reprimendas e castigos infligidos pelos padres.

Dois anos depois, matriculou-se, no ano de 1959, em Teologia na Universidade Católica da Lovaina (UCL), na Bélgica, onde estudou filosofia, humanidades greco-latinas e doutrinas teológicas no seminário maior. Além disso, futuramente também se graduou em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de Nancy, na França.

Foi justamente em Lovaina que Conradus teve seu primeiro contato com uma nova forma de política; não apenas uma política interna, marcada por conflitos sociais e disputas linguísticas, mas, principalmente, os embates político-ideológicos que assolavam países de outra realidade, como, por exemplo, o Brasil. Uma nova percepção ancorada em questões reais que ganhou ao ouvir os relatos de seus amigos sul-americanos.

Devido a essas mesmas características, a América Latina também se revelava terrivelmente viva, até mesmo revigorante e, em última análise, mais autêntica do que a Europa. Ao mesmo tempo, de maneira mais sutil, vislumbrava-se um mundo de carne, ao qual o antigo amigo africano e o atual amigo brasileiro, assumindo a figura do mediador e até mesmo do iniciador, gradualmente o introduziram, seja por questões envolvendo a liberdade sexual ou a política em si (Lefere, 2001).

Após se conectar com jovens estudantes do Terceiro Mundo, que o levaram a compreender sua realidade econômica, e chocar-se com a brutalidade da Guerra da Argélia (1954-1960), além de se impressionar com as grandes greves insurrecionais da classe trabalhadora na Valônia durante o inverno de 1960 e 1961, Detrez começou a interessar-se pelos desafios das independências em África e da revolução liderada por

Fidel Castro. Surgiu, assim, a questão central da ação política em sua vida.

Para desbravar o mundo, o jovem precisou deixar Liège, à contravontade da direção da Universidade. Deixar a Bélgica, sua família, infância, bem-estar e segurança para trás. Precisou romper as primeiras barreiras de sua vida para poder, enfim, se encontrar no mundo. Longe de casa, o jovem aventureiro deu de cara, porém, com a natureza nua e crua da humanidade, que tanto leu nos textos bíblicos. No ano de 1962, desembarcou no continente americano, em um país continental prestes a entrar em uma ditadura que duraria nada mais nada menos que 21 anos.

O desabrochar sexual, político e militante de Conrad Detrez no Brasil (1962-1967)

Com seus 25 anos, o jovem - e “tímido” (Daerden, 2014, p. 69) - Detrez desembarcou no Rio de Janeiro no dia 31 de julho de 1962, a bordo do navio francês Charles Tellier. Sua emigração missionária à América lhe permitiu evitar seu serviço militar obrigatório no Congo belga no mesmo ano.

O cenário desse novo capítulo de sua história foi uma sociedade mergulhada em uma atmosfera de incerteza e tensão desde o início da década. O Brasil estava imerso na agitação do governo João Goulart (1961-1964), marcado por intensos conflitos políticos, econômicos, sociais e sindicais que culminaram no futuro golpe civil-militar de 1964.

Nesse contexto turbulento, chegou ao país como missionário leigo, após concluir sua formação básica em teologia pela UCL, na Bélgica. Impelida pela sua vocação religiosa ainda latente, sua vinda ao país foi guiada pelo seminário católico para auxiliar no trabalho social de evangelização em fábricas e favelas pauperizadas.

Deveria ser professor em um colégio católico de Minas Gerais (MG), mas um dos padres que iria esperá-lo no cais do porto para levá-lo até lá nunca apareceu (D'AGUIAR, 2023). Desamparado e sem falar português, procurou o diretor do Seminário Arquidiocesano de São José, um tradicional estabelecimento de ensino religioso no Rio de Janeiro (RJ), em busca de acolhimento e direcionamento.

Ao chegar na casa de formação diocesana, ficou sabendo do caso de um bispo em Volta Redonda (RJ) que estava em busca de leigos para trabalhos apostólicos na região. O nome do clérigo era dom Agnelo Rossi (1913-1995), o brasileiro que mais alto subiu na hierarquia eclesiástica, sendo considerado um dos grandes expoentes da Igreja do Brasil. Os seus primeiros seis meses no país passaram-se, assim, no polo da indústria siderúrgica do estado.

Em sua fase inicial no Brasil, sua sobrevivência material era garantida pelo apoio financeiro e ajuda de custo que recebia da Igreja e do movimento religioso em que fazia parte, sendo ambos levantados a partir de doações de fiéis. Também foi comum sua atuação em trabalhos extras, seja em fábricas ou em negócios locais para complementar sua renda.

Antes de chegar ao país, o seminarista belga atuava como ativista internacional da Juventude Operária Católica (JOC), um movimento evangelizador da Igreja Católica para jovens entre 14 e 30 anos voltado para a garantia de direitos fundamentais. Suas atividades facilitaram sua criação de uma seção do movimento em Volta Redonda (RJ). Tempos depois, tornou-se dirigente da JOC brasileira, com a tutela da filial belga.

Como parte de suas atividades missionárias, participou, tempos depois, de um retiro espiritual em um convento em São Vicente, um dos municípios de São Paulo. O monastério era vizinho de um quartel. A partir dessa viagem, o religioso começou a gestar o desejo de fundar uma ordem religiosa de operários, além de começar a sentir atração por outros homens, sobretudo pelos soldados descamisados da região paulista (Detrez, 1979).

Para tentar reprimir seus desejos mundanos e pecaminosos, o jovem Detrez, ao retornar ao Rio de Janeiro, mudou-se e foi morar na casa de um jovem padre em uma favela carioca. Em pouco tempo, o clérigo inquilino, entretanto, fugiu com sua amante, deixando o seminarista a sós com Fernando³, um negro baiano que militava em um movimento de operários cristãos e que residia em sua mesma residência. Mesmo tentando se dedicar à sua missão evangelizadora, Detrez se envolveu pela primeira vez com um homem tanto sexualmente quanto romanticamente.

Após mudar-se para a capital, mais especificamente para a proletária Zona Norte, passou a trabalhar como auxiliar leigo em favelas, sobretudo em Brás de Pina, ao passo que também começou a lecionar francês na Universidade Santa Úrsula (USU). Nesse mesmo período, também começou a trabalhar com alfabetização de adultos em uma favela localizada na Penha (RJ)

Em sua primeira passagem pelo território brasileiro, trabalhou como jornalista e professor de colégios católicos. Além disso, ensinou literatura francesa, chegando a lecionar no Instituto de Letras da Universidade do Rio de Janeiro (URJ), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Também ministrou aulas de filosofia na Pontifícia Universidade Católica (PUC). A partir dessas inserções, o belga começou, aos poucos, a se sentir integrado à eclética vida intelectual do país.

A combinação das possibilidades do universo popular com as normas do ambiente acadêmico contribuiu para moldar sua visão em relação ao Brasil. As dualidades e os antagonismos desses dois espaços esculpiram as contradições de seu olhar sobre a sociedade e a cultura brasileiras. Em meio às dialéticas da realidade, Detrez, influenciado pelas suas origens católicas, passou a ser também guiado por um ideal trabalhista fabril em suas primeiras vivências nos trópicos.

Em meio à dualidade entre sacralidade e profanidade, intelectualidade e vulgaridade, seguiu evangelizando e politizando operários, esquivando-se da repressão policial. Ao longo dos meses, Detrez, todavia, foi se afastando do ministério sacerdotal, ao passo que começou a se aproximar de assuntos e atividades envolvendo a política nacional. Em um contexto instável no país, participou de greves e movimentos trabalhistas.

Nesse íterim de efervescência, Detrez adentrou na sociedade civil brasileira a partir do mundo da militância pastoral, influenciado pelo personalismo de Emmanuel Mounier. Por sua formação católica, vinculou-se, em um primeiro momento, a movimentos operários e estudantis cristãos de tendência criptomarxista. Ao se debruçar sobre a realidade brasileira, teve acesso às ideias da Revolução Cubana e da Teologia da Libertação, ao passo que foi se aproximando progressivamente da militância política.

Detrez já exercia o papel de ativista internacional da JOC, um dos segmentos da Ação Católica (AC), chegando a desempenhar o cargo de dirigente na filial brasileira, como desígnio da sede belga. Foi lá onde conheceu Carlos Alberto Libânio Christo, popularmente conhecido como frei Betto, um dos integrantes da direção nacional da Juventude Estudantil Católica (JEC), e, assim, pôde contar com todo apoio e cumplicidade do frade ao longo de sua passagem pelo país.

Na clandestinidade imposta pelo regime ditatorial-militar, a resistência esquerdista ocorria por meio de encontros secretos, saques e transportes de armamentos, assaltos a bancos e sequestros de pessoas. Ocorria também por meio de manifestações, propagandas, panfletos, traduções e formações ideológicas, no qual Detrez atuava ativamente. Seu trabalho era mais técnico-intelectual do que propriamente bélico. O belga “[...] provavelmente nunca soltou um tiro [...]” (Daerden, 2014, p. 70).

A realidade pauperizada, a falta de higiene, a miséria das favelas e a devastação do analfabetismo despertaram um olhar crítico do belga para as desigualdades do Brasil, o que contribuiu para aflorar sua escrita como meio de ecoar essas vivências

subalternas. De início, debruçou-se em questões envolvendo a pobreza da região. Em seguida, foi arrebatado pelas diversidades nacionais. Nesse cenário, fascinou-se pela cultura negra, pelos corpanzís dos homens brasileiros, pela religião afro-brasileira e pelo candomblé.

Um ponto fundamental para seu desabrochar para a militância política foi seu encantamento pela diversidade da cultura brasileira. Desde sua chegada, o turista Conrad ficou apaixonado pelas riquezas culturais do Brasil, sendo impactado de modo carnal e espiritual. Em sua passagem, enveredou pelo carnaval. Bebeu do pecado trazido pelos ventos cariocas e deleitou-se. Experimentou do sexo proibido e das orgias, com homens e mulheres. Conheceu cultos africanos e pagãos. Frequentou pais e mães de santo. Abandonou a paternidade exclusiva de Deus e foi adotado por Ogum, orixá da guerra.

Para a trajetória de Detrez, o Brasil apareceu como um lugar inicial de tomada de consciência tanto da sua própria existência quanto da realidade de um país imerso em um contexto autoritário. Um país exótico e atraente que contrastava com o clima pacato da Europa. Diferente da Bélgica, o Brasil representava a abertura sexual, a esperança revolucionária e o comprometimento político para Conrad Detrez, o seminarista, o guerrilheiro e o militante.

Uma de suas primeiras ações na militância foi visto ainda em torno da fé e ciência moderna. Devido à escassez de recursos financeiros, Detrez e Betto decidiram publicar apostilas sobre a obra teológico-científica do padre jesuíta francês Teilhard de Chardin, que era um *best-seller* mundial na época. O belga encarregava-se da tradução do francês, enquanto o brasileiro escrevia os textos e produzia cópias no mimeógrafo. As vendas ocorriam na entrada das faculdades cariocas, especialmente na PUC.

Anteriormente dedicado à organização de arrecadação de fundos e distribuição de alimentos para os necessitados nas favelas, o belga também expandiu seu papel militante ao se tornar correspondente da imprensa belga. Nessa nova função, assumiu um papel ativo na denúncia dos excessos do governo de Humberto Castello Branco (1964-1967), por meio das páginas do diário cristão *La Cité*. Essa mudança de foco não só demonstrava sua evolução pessoal e profissional, mas também refletia seu amplo compromisso com a justiça social e a luta contra a opressão. Em 1965, publicou um artigo na revista *Combat* sobre federalismo e política internacional.

Quando alguns de seus amigos da AC decidiram romper com a Igreja e ingressar na Ação Popular (AP), Detrez os acompanhou. O belga começou a militar, assim, nessa organização política socialista extraparlamentar, que fora integrada por

cristãos como o primeiro embrião de um partido cristão de esquerda no Brasil. Essa organização de esquerda extraparlamentar das décadas de 1960 e 1970 foi criada por quadros políticos que pertenciam à Juventude Universitária Católica (JUC). A ação tinha o objetivo de atuar nos principais movimentos sociais no Brasil, sobretudo nas causas camponesas, operárias e estudantis.

Quando ingressou na organização, Detrez, entretanto, não possuía uma formação política e ideológica sólida. Era simplesmente uma pessoa de boa vontade. A liderança do movimento, então, o enviou para fazer um estágio em Paris, um local aberto de fermentação intelectual, onde passou seis meses estudando marxismo com Louis Althusser, grande referência intelectual do campo marxista, e sua brilhante aluna, Marta Harnecker. Por lá, também se encontrou com outros militantes sul-americanos. Após esse período, fez muitas viagens pela América Latina, retornando ao Rio de Janeiro em 1965, onde começou a trabalhar como tradutor para sobreviver.

Seu engajamento político e sua conduta transgressora intensificaram-se após seu retorno ao Brasil, o que contribuiu para a combinação de dois elementos importantes em sua vida: evangelização e trabalho. Ainda que não sentisse muita estima pelo comunismo, enveredou para o marxismo e para a esquerda radical, passando a nutrir grande admiração por importantes figuras históricas latino-americanas, como Che Guevara e Fidel Castro.

Mesmo sendo atravessado pelos prazeres, desejos, experiências, contradições e saberes dos trópicos, o intelectual belga vivia às margens da sociedade brasileira. Vivendo em meio à resistência clandestina, o devoto guerrilheiro Conrad Detrez foi taxado de “subversivo” pelos militares. Em vista do recrudescimento ditatorial, passou a precisar ser chamado pelo pseudônimo de Domingues (ou Domingos).

Com o decorrer dos meses, o seminarista se afastou cada vez mais da Igreja, cuja alta hierarquia apoiava o novo regime ditatorial, até romper definitivamente com a instituição. Esse distanciamento coincidiu com uma mudança significativa em sua vida. Impulsionado pelas novas relações bissexuais que vivenciou no Brasil, ele questionou e eventualmente abandonou sua fé cristã. Essa jornada de autodescoberta e aceitação não apenas influenciou sua visão sobre religião e espiritualidade, mas também impactou profundamente sua identidade e perspectivas sobre o mundo ao seu redor. O confronto com novas experiências e a quebra de paradigmas religiosos tradicionais foram catalisadores para uma transformação pessoal e uma redefinição de seus valores e crenças. O militante Conrad Detrez, durante cerca de um ano, tentou beatificar-se como o justiceiro estrangeiro de uma sociedade iníqua, corrompida,

corrupta e autoritária. De guerrilheiro urbano retornou às suas raízes e voltou, novamente, a ser um devoto religioso, mas, agora, de uma religião nova e emergente no Brasil: uma crença política fundada por Carlos Marighella e inspirada em Fidel Castro e Che Guevara.

Mesmo em suas marginalidades, o belga seguia ativo na militância antiterrorista, sendo uma importante peça de uma rede de solidariedade que se formava no Rio de Janeiro. Era comum, por exemplo, realizar frequentes visitas ao ex-ministro da Educação do governo João Goulart, Paulo de Tarso dos Santos (1963), que se exilava na embaixada do Chile, no Flamengo.

Em dezembro de 1966, Domingues começou a ser vigiado pelo regime militar. Herbert José de Sousa, conhecido como Betinho e líder da Ação Popular (AP), hemofílico, precisou ser internado no Hospital Getúlio Vargas, onde recebeu sangue do belga, doador universal. No entanto, o médico que facilitou a internação era um agente da polícia, que revelou os nomes e endereços dos envolvidos, levando a polícia a monitorar o grupo.

No dia 25 de fevereiro, três dias após uma cirurgia, três policiais invadiram o apartamento de Domingues, revirando tudo e encontrando máquinas de escrever e documentos. O belga foi preso pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), a polícia política do regime, acusado de subversão. Após três horas de inspeção, foi levado à 1ª Companhia da Polícia do Exército, onde encontrou outros prisioneiros, entre eles Valdo César, diretor da revista Paz e Terra. Isolado, foi torturado e humilhado, sofrendo espancamentos e abusos sexuais devido à sua orientação sexual, além de ser forçado a fazer curativos com saliva na área recém-operada.

Sua prisão foi manchete nos principais jornais, como *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Após seis dias de interrogatórios, totalizando dezessete horas, foi libertado graças à intervenção da embaixada da Bélgica, que protestou contra o tratamento humilhante e exigiu a devolução dos bens apreendidos. Com a ajuda de frei Betto e a conexão com a Ação Libertadora Nacional (ALN) e frades dominicanos, Domingues conseguiu fugir do Brasil para a Argentina e o Uruguai.

Andanças e contribuições de Detrez pelo mundo (1967-1985)

Expulso do Brasil, Domingues viajou para Liège, a província belga onde nasceu, chegando a visitar Roclenge. Entretanto, não conseguiu se readaptar ao país e, por isso, resolveu instalar-se em Paris, a até então sede política do exílio esquerdista,

em fins do ano de 1967. A mudança compulsória para a Europa gerou sensações e pensamentos de frustração para o antigo militante.

Em seu novo país, passou a fazer parte de uma rede transnacional de solidariedade para exilados políticos latino-americanos, que incluía Herbert de Souza, Martha Harnecker, Miguel Arraes, frei Betto, Beatriz Nascimento, entre outros. Também encontrou outros exilados que faziam parte da AP, ainda que com outros pontos de vista. A liderança brasileira tinha uma perspectiva verdadeiramente nacional, enquanto a liderança em Paris adotava uma abordagem internacionalista, com influências maoístas.

Mesmo não concordando com a visão desses brasileiros exilados em Paris e se separando do grupo, Detrez seguiu ativo na política internacional. Exemplo disso foi visto anos depois quando passou a integrar o Comitê Europa América Latina (CEAL), uma rede que criou ligações importantes entre organizações e pessoas de diferentes origens ideológicas em torno de questões comuns como a paz e o Terceiro Mundo.

Devido às suas antigas e novas conexões, o belga foi adentrando na vida política francesa. Participou de comícios, reuniões e debates, tanto em periódicos quanto em espaços públicos. Quanto ao primeiro grupo, a revista *Esprit*⁴ esteve profundamente envolvida com a causa dos refugiados brasileiros, e foi nesse contexto que Detrez teve a oportunidade de conhecer Jean-Marie Domenach, que o apresentou ao editorial.

Nesse contexto, o jornalista, em seus primeiros meses na cidade, também chegou a presenciar um dos principais acontecimentos do século no país, ao participar ativamente da célebre Revolução de Maio de 1968, um movimento político na França que foi marcado por greves gerais e ocupações estudantis contra o conservadorismo, o desemprego crescente, o sistema educacional francês e o governo de Charles De Gaulle (1959-1969).

Durante esses meses, Detrez teve uma intensa atividade de contato e trabalho intelectual. Contribuiu com diversos jornais e revistas, tanto belgas quanto franceses. Com suas origens valãs e sua experiência política na América, o intelectual estava bem posicionado para abordar não só as questões políticas na América Latina, mas também os conflitos linguísticos, políticos e sociais que agitavam sua terra natal. Frequentemente escrevia sobre esses temas no *Le Monde*.

No exílio, o belga passou breve estadia parisiense que durou cerca de um ano. Em 1968, seu advogado acenou positivamente para seu regresso ao Brasil, tendo em vista que seu processo sobre atividades subversivas havia sido arquivado pelas

autoridades. Após viver a experiência do Maio francês, o militante decidiu retornar ao Brasil, mas agora resolveu fixar-se em São Paulo, pois não estava bem-visto no Rio de Janeiro.

Em seu novo estado, foi indicado por frei Betto e tornou-se jornalista da *Folha da Tarde*, jornal vespertino brasileiro de médio porte que era publicado pela Empresa Folha da Manhã e distribuído em São Paulo entre os anos de 1949 e 1959 e entre 1967 e 1999. Em sua nova empreitada, atuou como redator e comentarista na área de política internacional no jornal, sob um novo pseudônimo de André Domingues (ou Domingos). Com o tempo, a repressão ditatorial e a censura passaram a ameaçar sua atividade profissional, por conta do antigo e atual processo que sofrera por subversão. Com isso, aceitou o conselho de amigos e, menos de um ano depois, precisou deixar São Paulo, com receio de ser preso novamente. Com a promulgação do Ato Institucional nº 5, tornou a sair do país pela segunda vez em dezembro de 1968. Meses após sair do país, o jornalista recebeu mais denúncias por subversão.

De São Paulo, retornou novamente à França. Em Paris, dedicou-se ao trabalho jornalístico com mais energia, ao passo que estava cada vez mais atento para o que estava acontecendo no continente e no mundo, ambos efervescidos pelos acontecimentos globais vistos no ano de 1968.

Da cidade parisiense, planejou, assim, uma de suas maiores peripécias, que, em pouco tempo, transformar-se-ia em uma de suas mais importantes contribuições para a política brasileira. Entre julho e agosto de 1969, o jornalista cruzou o Oceano Atlântico e foi ao Uruguai fazer uma reportagem sobre a situação política do Brasil para a revista trotskista francesa *Front*, antigo periódico mensal de informação política internacional. O seu principal objetivo, no entanto, era entrevistar Marighella para o veículo europeu.

Para possibilitar o encontro, o belga, que já havia sido expulso do território brasileiro em 1967 pelo governo militar, entrou no país de modo clandestino, com apoio logístico fundamental de frei Betto, que havia obtido ajuda de Detrez para receber sua carteira de identidade falsa com o nome de Ronaldo Matos. Retornou do Uruguai via São Leopoldo (RS) e se reuniu com o clérigo, que o auxiliou a agendar a entrevista em sigilo. Em sua partida, deixou cerca de 500 pesos com o frei, considerando que não os necessitava mais, quantia que Betto depois repassou para um outro militante que se dirigia ao Uruguai (Freire; Sydow, 2017).

Com o codinome Domingues, Detrez, aos 32 anos, foi levado de carro para São Paulo pelo frei Ivo. Chegando em seu destino, conseguiu realizar a esperada entrevista

em outubro de 1969, um mês após o clássico sequestro do então embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick (1969-1970), o que tornou o entrevistado conhecido na Europa. O encontro aconteceu no Colégio Rainha da Paz, no Alto de Pinheiros, bairro nobre paulistano, e foi intermediado por dominicanos do estado, sob a liderança de frei Betto.

No dia seguinte da entrevista, os contatos clandestinos do jornalista belga em São Paulo aconselharam-no a deixar o país o mais rápido possível (Betto, 1993). Domingues retornou às pressas a Paris. Essa foi a primeira – e, infelizmente, última – entrevista concedida por Carlos Marighella a um jornal europeu (Ribeiro, 2016). Poucos dias depois, o revolucionário baiano foi brutalmente assassinado pela polícia brasileira, tendo sido pego em uma emboscada e abatido em 4 de novembro de 1969.

A entrevista exclusiva foi publicada, de modo integral, pelo enviado especial no periódico francês um mês após a realização da entrevista, quando o entrevistado já estava morto. A conversa foi publicada em novembro de 1969, sendo condensada no terceiro número da revista *Front*, com o título “Le Brésil sera un nouveau Vietnam” [“O Brasil será um novo Vietnã”].

Detrez também traduziu o *Manual do guerrilheiro urbano* (1969), de Marighella, para o francês. A versão traduzida popularizou-se com o título *Manuel du guérillero urbain* (1970). A obra foi um importante material de referência para os movimentos mundiais de luta armada, tendo, segundo Sommier (2009), suas ideias vistas em países como Japão, Estados Unidos, Itália, Alemanha e Irlanda.

Meses depois do último encontro com o líder baiano, o belga seguiu empenhado em ecoar outras vozes brasileiras da resistência na Europa. Nessa direção, traduziu o clássico *Revolução dentro da paz* (1968), de Dom Helder Câmara e, assim, foi, mais uma vez, pioneiro em publicar, pela editora Seuil, o título *Révolution dans la paix* (1970) – um livro que, mesmo escrito por outro autor, reunia uma veia revolucionária com uma base religiosa, bem similar aos moldes da trajetória de vida de Conrad Detrez enquanto esteve no Brasil.

Nesse período, publicou *Les Mouvements révolutionnaires en Amérique latine* (1972), uma breve síntese de movimentos de resistência vistos no continente. Em pouco mais de cem páginas, a obra se dedica a demonstrar que os conflitos contemporâneos seriam, de certa forma, uma continuação das lutas lideradas por Simón Bolívar no passado. Nesse contexto, o ideal bolivariano de independência e unificação continental poderia continuar sendo garantido, nos dias de hoje, pela influência de líderes como Fidel Castro, Che Guevara e Carlos Marighella.

Em seu exílio, o belga transformou-se, assim, em uma das mais importantes vozes de denúncia das atrocidades cometidas pela ditadura civil-militar no Brasil. Nesse cenário, mesmo com as dificuldades em publicar textos nacionais acerca do cenário político brasileiro, segundo Sizilio (2017), a realidade ditatorial e a resistência guerrilheira no território brasileiro puderam ser ecoadas pelo mundo, sobretudo a partir de suas palavras traduzidas e publicadas na Europa.

Além do campo jornalístico, político e social, Detrez também foi fundamental para a reativação e/ou início da circulação de obras literárias brasileiras na Europa, com destaque para textos clássicos de Jorge Amado, Clarice Lispector, Antônio Callado e Carolina Maria de Jesus. Para isso, o belga desempenhou um importante papel de tradutor, crítico, comentador e divulgador da literatura brasileira no exterior, mesmo com a presença de certos cenários adversos percebidos no continente europeu. O belga se sustentou traduzindo diversas obras brasileiras.

Em 1970, o belga traduziu o clássico *Os pastores da noite* (1964) e, assim, publicou, pela editora Stock, a obra *Les Pâtres de la nuit* (1970) – uma ficção de três partes que acompanha os conflitos sociais, raciais e políticos em torno de prostitutas, boêmios, vigaristas e a comunidade notívaga de Salvador (BA). Devido à sua repercussão, a tradução foi responsável por reiniciar o movimento de edições e novas traduções das obras de Jorge Amado na França, o que estava paralisado no país desde o ano de 1959.

Além de Amado, Conrad Detrez também contribuiu para a repercussão da literatura de Clarice Lispector na França. Com 14 anos de diferença para o primeiro livro traduzido da autora brasileira, o interesse francês pelas obras de Lispector passou por um longo hiato entre os anos de 1954 e 1970. Na década seguinte, a tradução de dois títulos mudou esse contexto e reativou o interesse pela escrita clariceana: *Le Bâtisseur des ruines* (1970) e *La Passion selon G.H.* (1978).

Em relação à segunda obra, a repercussão na mídia francesa foi imediata, sobretudo a partir de uma contribuição de Detrez. No dia 19 de outubro de 1978, o crítico literário publicou uma apresentação da tradução francesa de *A Paixão Segundo G.H.* (1964) no periódico *Le Matin de Paris*.

Conrad Detrez também foi tradutor de Antônio Carlos Callado, o qual conhecia pessoalmente, na França. Traduziu *Quarup* (1967) para francês, um romance central do autor brasileiro que narra a história de um padre protestante interessado na cultura indígena em meio à ditadura brasileira. Em 1971, publicou, assim, *Mon pays en croix* (1971) pela editora parisiense Seuil.

Por fim, Detrez também contribuiu para a volta da circulação da principal obra de Carolina Maria de Jesus na França. Após cinco anos de seu desaparecimento, *Le Dépotoir* (1962), a tradução de *Quarto de Despejo* (1960), foi relançada pela editora A. M. Métailié. Após o lançamento da obra, o crítico literário belga teceu grandes elogios à abordagem da autora, o que, certamente, contribuiu para o retorno da distribuição do livro em vista de sua grande respeitabilidade na área.

O trabalho de tradutor e crítico de Detrez, portanto, não só permitiu que os leitores franceses pudessem ter acesso a essas leituras do Brasil, mas também desencadeou um efeito duradouro de influência literária. Eis aqui um elo inestimável na difusão da literatura brasileira na França, em que Detrez pôde contribuir com suas palavras traduzidas e críticas.

Com os direitos autorais, o belga comprou um apartamento em Paris. No final dos anos 1960, a repressão ditatorial se intensificava no Brasil, levando à abertura de um inquérito policial militar sobre a tentativa de reorganização do Partido Comunista e a reativação da AP. Em 1971, Detrez foi julgado e condenado à revelia a dois anos de prisão. Vivendo na França e depois em Bruxelas, o antigo militante enfrentou uma desilusão política. Aos 30 anos, encontrou conforto na escrita autoficcional.

Em 1974, publicou seu primeiro conto chamado *Ludo* (1974), um longo fluxo de prosa experimental que contém um relato fictício de sua infância na Bélgica durante a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O livro marcou sua entrada na ficção autobiográfica, em meio ao início de suas desilusões políticas com o cenário internacional. Publicou a obra quando tinha 37 anos, após sua atividade como missionário no Brasil e passagem pelas fileiras das guerrilhas que o levaram a experimentar os porões da ditadura.

A narrativa é sucedida em *Les Plumes du Coq* (1975). Nesse romance, o narrador, agora com treze anos, enfrenta novas experiências. Este livro difere de seu antecessor em seu tom, que é marcado pela ironia e pela crítica política, em contraste com a inocência presente no anterior. O autor retrata o ambiente insalubre do internato e as contradições do clero, enquanto mergulha nas questões políticas da época, incluindo os tumultos pós- guerra e a oposição à monarquia.

Vivendo em meio à dicotomia do socialismo democrático e da violência revolucionária, o jornalista belga desembarcou em Lisboa para noticiar a Revolução dos Cravos (1974) para toda a Europa. Para essa função, renunciou, definitivamente, seu posto de militante e passou a ser correspondente da Rádio Televisão Belga (RTBF), um dos maiores serviços públicos de comunicação francófona da Bélgica, em

Portugal.

A eclosão e as consequências do levante popular de 25 de abril de 1974 o deixaram bastante desconfiado com qualquer forma de radicalismo da esquerda. Seu contrato durou cerca de dois anos. Nesse período, a cidade de Lisboa moldou seu novo perfil político, que foi visto em suas futuras inserções sociais após esse momento. Quando o repórter, enfim, partiu de Portugal, deixou boa parte de sua herança revolucionária no país e, da capital lusitana, levou sementes de saudades do seu antigo “eu”.

Em 1978, publicou sua pequena obra-prima: *L’herbe à brûler* (1978b), romance autobiográfico escrito em 1977 que fora marcado por referências ao barroco e ao picaresco que narra suas aventuras sexuais, profissionais e políticas em terras brasileiras, após seu encontro com um Brasil ditatorial. A obra diz respeito a três dimensões importantes para o autor: a política, a religiosa e a sexual.

Em 1980, o militante exilado, após longos 11 anos de espera, foi beneficiado com a anistia política da lei nº 6.683/1979 oferecida pelos governantes de Brasília aos cassados e exilados pelo regime ditatorial-militar. Por esse motivo, pôde, enfim, retornar ao Brasil no ano seguinte. Voltou por três meses com o objetivo de visitar velhos amigos, negociar publicações de outros livros com a editora Civilização Brasileira, analisar o andamento da abertura política anunciada para o Brasil e conhecer as novidades literárias do país. Viajou pelo Rio de Janeiro, São Paulo e Nordeste.

Em 1981, com a eleição de François Mitterrand (1981-1995), o primeiro presidente abertamente socialista da França e um dos únicos oriundos do Partido Socialista (PS), o jornalista aproximou-se ainda mais do país e do governo franceses, mas, sobretudo, do socialismo democrático. Em 28 de março de 1982, naturalizou-se, enfim, francês, com seus 45 anos de idade.

Em novembro de 1983, o romancista belga resolveu seguir, então, novos ares e, com isso, ingressou no corpo diplomático da França, como estava acontecendo com outros escritores de sua geração. Graças à sua amizade com Régis Debray, então consultor francês de relações exteriores, o jornalista foi nomeado pela nova gestão presidencial como adido cultural e científico em Manágua, capital da Nicarágua. No momento de sua chegada, o contexto nicaraguense era o de ascensão da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) e da queda violenta da ditadura da família Somoza em 1979.

Menos de dois anos depois, o diplomata, porém, foi obrigado a retornar à França. Permaneceu na Nicarágua até setembro de 1984, quando adoeceu gravemente,

sendo vítima dos primeiros sintomas da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), uma doença ainda pouco conhecida e cercada por preconceitos e falta de informação. A condição o deixou cada vez mais exausto e fez com que ele precisasse ser internado no hospital Tenon, em Paris.

A nova doença tabu da década de 1980 foi fatal para o embaixador belga naturalizado francês. Entre a noite de 11 e 12 de fevereiro de 1985, Conrad Detrez, aos 48 anos, morreu de complicações da AIDS, de forma totalmente inesperada, em Paris, juntando-se a personalidades como Michel Foucault (1926-1984) e Rock Hudson (1925- 1985) como uma das primeiras vítimas fatais do vírus de sua geração.

Considerações finais

Ao longo do século XX, pouquíssimos indivíduos estiveram envolvidos em todos os acontecimentos históricos a seguir: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na Europa; a Questão Real (1944-1950), na Bélgica; o golpe civil-militar (1964), no Brasil; o Maio de 1968, na França; a Revolução dos Cravos (1974), em Portugal; e a Revolução Sandinista (1979), na Nicarágua. Um deles foi o belga francófono Conrad Detrez, no qual a trajetória de sua vida foi narrada neste breve artigo.

Após a redemocratização, o Brasil vive um período marcado pelo ressurgimento do autoritarismo, o que torna fundamental narrar a trajetória de militantes perseguidos pela ditadura civil-militar para evitar o apagamento histórico da repressão. Nesse cenário, o trabalho do historiador é essencial para iluminar a escuridão marcada por preconceitos, estereótipos e silenciamentos. A trajetória de Conrad Detrez, um romancista belga e ativista revolucionário, é um exemplo significativo. Detrez chegou ao Brasil em 1962, trabalhou como jornalista e professor, testemunhou o golpe de 1964 e militou em grupos esquerdistas, sendo preso e torturado em 1967.

Retornando à Europa, Detrez dedicou-se a escrever e publicar relatos que refletiam suas experiências no Brasil, influenciados pela literatura e cultura brasileiras. Ele contextualizou suas vivências sociais e culturais no país, destacando o valor estético e social da literatura de autores como Jorge Amado e Clarice Lispector. Sua obra literária, permeada pela nostalgia e autoanálise, refletia a interseção entre religiosidade, homoerotismo, política e resistência, moldando tanto sua vida quanto sua produção literária.

Sua literatura foi permeada por uma profunda nostalgia pela infância e juventude. Para este ex-seminarista, a infância simbolizava a fusão das diferenças, um

tempo perfeito e feliz, ainda que frágil, no qual alma e corpo se encontravam unidos, em um mundo sem conflitos. Ao longo de sua vida, todavia, começa a perceber o desejo, especialmente o desejo homossexual, como algo que quebrou essa harmonia. À medida que seus desejos se intensificavam, ele observou um aumento no abismo entre uma alma que buscava paz e um corpo entregue à lascívia. Para o autor, a tarefa interminável de um narrador literário seria conciliar esses impulsos aparentemente irreconciliáveis.

Nesse cenário, sua literatura se destacou por sua natureza autobiográfica em busca dessa conciliação. Sua imaginação aderiu intimamente à realidade. Em *Ludo* (1974), transportou os leitores para sua infância em uma aldeia, um período marcado pelas sombras da Segunda Guerra Mundial. *Les Plumes du coq* (1975) mergulhou em sua adolescência, revelando as angústias e amarguras despertadas pela Questão Real.

A trajetória de Detrez exemplifica como o compromisso militante pode influenciar profundamente a história e a cultura. Seu engajamento multifacetado trouxe contribuições significativas para a política e cultura brasileiras, tanto de modo endógeno quanto exógeno. Nascido em um ambiente católico e conservador, Detrez transformou-se em um cidadão do mundo, influenciando e sendo influenciado pelas culturas que encontrou. Sua vida e obra destacam a importância de manter viva a memória dos que lutaram contra a repressão e contribuem para iluminar a realidade atual, marcada pelo autoritarismo.

Fascinado pela liberdade de costumes dos trópicos, o belga passou a usar a dualidade da sua própria arte para afirmar o fato de existir enquanto indivíduo único e, assim, narrou sua própria vida sem amarras e estereótipos em seus livros. Sua trajetória foi caracterizada por fases dialetais que foram resultantes dos choques culturais que vivenciou ao longo da sua maioridade. Desse modo, sua literatura, seja ela alucinada, ficcional e/ou política, esteve profundamente imersa nessas relações.

A interseção entre religiosidade, homoerotismo, política e resistência passou a moldar a sua vida após sua primeira passagem pelas ruas brasileiras. A partir dessa experiência, seu engajamento social, político, literário e cultural trouxe contribuições para a política e cultura nacionais. Foi a paixão que o despertou para a realidade brasileira.

Nascido em um ambiente católico e conservador, a trajetória do belga francófono Conrad Detrez foi marcada por uma sina metamorfósica e internacionalista em sua completude. Seja como cronista, romancista, poeta, jornalista, repórter, crítico literário, tradutor, diplomata, político ou guerrilheiro, a polissemia de sua vida

influenciou o desenrolar da história e cultura brasileiras tanto de modo endógeno quanto exógeno. Desapegado de suas origens provincianas, mas sem esquecê-las, o seu novo berço passou a ser o mundo ao seu entorno e o seu destino a própria História.

Referências:

AIRES, Luísa. *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.

ALMEIDA, José Domingues de. Le Portugal expliqué aux belges, sur trois “itinéraires” décalés: Albert t'Serstevens, Conrad Detrez et Jean-Claude Pirotte. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 24/25, p. 212-227, dez. 2011.

AMADO, Jorge. *Les Pâtres de la nuit*. Tradução: Conrad Detrez. Paris: Stock, 1970.

BETTO, Frei. *O Paraíso perdido*. Nos bastidores do socialismo. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 1993.

BONFIM, Beatriz. Ex-militante radical, hoje umescritor premiado: a morte simbólica de Conrad Detrez. *Jornal do Brasil*, 07 jun. 1980.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

CALLADO, Antônio. *Mon pays en croix*. Tradução: Conrad Detrez. Paris: Seuil, 1971.

CÂMARA, Hélder. *Revolução dentro da paz*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

CÂMARA, Helder. *Révolution dans la paix*. Tradução: Conrad Detrez. Paris: Seuil, 1970.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. “Populismo latino-americano em discussão”. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 125-165.

D'AGUIAR, Rosa Freire. *Sempre Paris: crônica de uma cidade, seus escritores e artistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DAERDEN, Peter. “De rebelde a escritor laureado: Conrad Detrez no Brasil”. In: STOLS, Eddy; MASCARO, Luciana Pelaes; BUENO, Clodoaldo (Orgs.). *Brasil e Bélgica: cinco séculos de conexões e interações*. São Paulo: Narrativa Um, 2014. p. 69-71.

DETREZ, Conrad. *Les mouvements révolutionnaires en Amérique latine*. Bruxelas: Vie Ouvrière, 1972.

DETREZ, Conrad. *Ludo*. Paris: Calmann-Lévy, 1974.

DETREZ, Conrad. L'Amérique latine, ce fabuleux continent de l'écriture. *La Revue nouvelle*, Bruxelas, n. 12, p. 617-626, dez. 1977.

- DETREZ, Conrad. *Jardim do nada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- DETREZ, Conrad. Le jardin de la vie. *Le Figaro*, 21 nov. 1978a.
- DETREZ, Conrad. *L'herbe à brûler*. Paris: Calmann-Lévy, 1978b. DETREZ, Conrad. *Les plumes du coq*. Bruxelas: Labor, 1995.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral, comemorações e ética. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 157-164, abr. 1997.
- FREIRE, Américo; SYDOW, Evanize. *Frei Betto*: biografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Angela Maria de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 121-128, 1998.
- JESUS, Carolina Maria de. *Le Dépotoir*. Paris: Stock, 1962.
- LEFERE, Robin. L'Amérique latine dans l'œuvre romanesque de Conrad Detrez. *Revue de littérature comparée*, v. 299, n. 3, p. 471-481, 2001.
- MARIGHELLA, Carlos. *Manual do Guerrilheiro Urbano*. São Paulo, 1969.
- MARIGHELLA, Carlos. *Manuel Du Guérillero Urbain*. Tradução: Conrad Detrez. Paris: Libertalia, 1970.
- MOACYR, Félix. Entrevista com Conrad Detrez. *Encontros com a civilização Brasileira*, n. 25, 1980.
- PANIER, Christian. Du Brésil à Paris et détours: entretien avec Conrad Detrez. *La Revue nouvelle*, Bruxelas, n. 9, p. 199-207, set. 1981.
- QUAGHEBEUR, Marc. Amado – Detrez, la confraternização barroca? *Amerika*, v. 10, 2014.
- REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. cap. 1. p. 15-38.
- RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. As redes políticas de solidariedade na América Latina. *Revista Tempo e Argumento*, v. 8, n. 17, p. 311-349, 2016.
- RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. Conrad Detrez: o romance como arma de combate. *Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro*, n. 16, p. 233-262, 2019.
- SIZILIO, Ricardo José. “*Vai Carlos, ser Marighella na vida*”: outro olhar sobre os caminhos de Carlos Marighella na Bahia (1911-1945). Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SCOTT, James. *Hidden Transcripts*. Domination and the Arts of Resistance. New Haven: Yale University Press, 1992.

SOMMIER, Isabelle. *La violencia revolucionaria*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

YIN, Robert. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Artigo recebido em 21/07/2024

Aceito para publicação em 04/11/2024

Editor(a) responsável: Guilherme Cardinale de Araujo

¹ Uma das poucas exceções brasileiras a essa afirmação parece ser o artigo “Conrad Detrez: o romance como arma de combate”, no qual Maria Cláudia Badan Ribeiro se debruça sobre as diversas manifestações experienciadas pelo escritor e militante em confronto ao movimento de apagamento de sua trajetória ao longo do tempo. Ver: Ribeiro (2019).

² “Leopoldus N’Dongo” é, possivelmente, um pseudônimo criado por Conrad Detrez em *Jardim do Nada* (1979). Em 1980, o belga reconheceu que fazia uso de nomes fictícios ao abordar pessoas em seus livros (BONFIM, 1980). Devido à importância do personagem para a trajetória do autor, a alcunha original contida na obra ficcional foi mantida.

³ “Fernando” é, possivelmente, um pseudônimo criado por Conrad Detrez em *Jardim do Nada* (1979). Em 1980, o belga reconheceu que fazia uso de nomes fictícios ao abordar pessoas em seus livros (BONFIM, 1980). Devido à importância do personagem para a trajetória do autor, a alcunha original contida na obra ficcional foi mantida.

⁴ *Esprit* é uma revista literária francesa. Fundado em 1932 pelo filósofo Emmanuel Mounier, a revista mensal era o rival não marxista do *Les Temps Modernes*, a mais importante revista literária do período pós- guerra na França fundada por Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. As suas raízes estavam no catolicismo de esquerda, mas as suas preocupações eram amplas e internacionais. O filósofo Paul Ricoeur colaborou frequentemente com o periódico.